REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 281

11 DE OUTUBRO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Aqui ha tempos fizeram grande barulho em todo o mundo civilisado, os artigos d'uma gazeta de Londres, que punham cruamente a nú um dos mais repugnantes cancros da devassidão ingleza. Os escandalos de Londres, descobertos pela *Pall-Mall-Gazette* levantaram indignações enormes, e foram durante muitos dias um acontecimento europeu.

Ora no fim de contas não havia muito motivo para essas admirações e para essas surprezas, porque é verdade provadissima, que não ha capital alguma, por mais pequena que seja, que não tenha o seu grande cancro; o caso está em sabel-o procurar, e em ter a coragem de o expôr ás vistas indignadas do publico.

E tanto é assim que Lisboa, a nossa pacata Lisboa, uma cidade pequena em relação a Paris e a Londres, um centro de vida muito acanhado e muito restricto comparado com os grandes centros de vida das outras nações da Europa, acaba de exhibir á luz da publicidade uma serie de crimes muito repugnantes, que toda a gente sabia de ha muito que se praticavam quotidianamente, mas que nunca tinham sido postos em evidencia pela punição.

Sabem já com certeza que nos referimos a esses casos de abortamentos, que deram um bom par de artigos aos jornaes e um bom par de centenas de mil reis ao tribunal da Boa-Hora.

Nos primeiros dias a noticia do descobrimento official d'esses crimes produziu profundissima sensação, e muito propositalmente dizemos a noticia do descobrimento official e não a noticia dos crimes, porque essa noticia é para todos os lisboetas velha como o mundo.

Toda a gente sabe desde que principiou a saber das coisas da vida, que o abortamento voluntario é um dos capitulos mais triviaes, e quasi que obrigatorio da maioria dos romances equivocos d'amor illegal, que o adulterio e a seducção para ahi escrevem quotidianamente nas alcovas mais ou menos luxuosas de Lisboa, toda a gente sabia isto, menos a policia, ao que parece, e por isso ao passo que a policia agora ficou muito admirada por saber isso, o publico ficou muito admi-

NAS PRAIAS DE PORTUGAL

PRAIA DA FIGUEIRA DA FOZ (Segundo uma photographia)

rado, por ella, no fim de tanto tempo, procurar sabel-o.

Ha n'uma comedia muito original e pittoresca de Edmond About, uma comedia chamada *Gaetana*, e que como muitas peças boas cahiu redondamente na primeira noite em que foi á scena em Paris, uma definição de assassino, muito judiciosa, mas que não é no fim de contas, dada a sociedade moderna, d'uma verdade por ahi além. — O assassino é o contrario da parteira. Esta dá a mão á gente para entrar no mundo, aquelle dá a mão para sahir d'elle.

Ha muitos annos a esta parte grande numero das senhoras parteiras entenderam que deviam deitar por terra a definição de Edmond About, e accumulam as funcções, isto é, dão ao mesmo tempo ambas as mãos, para entrar no mundo e para sahir para o canno dos despejos, quando não é para os telhados da travessa da Espera, onde os gatos são tratados regaladamente com uma cosinha opipara: — recemnascidos em vez de carapau.

Ora estes crimes fazem-se tanto a miudo, entraram de tal forma nos expedientes habeis e vulgares dos amores illegitimos, e sempre com tamanha impunidade, que por direito consuetudinario tomaram de ha muito tempo o seu logar entre as coisas licitas, permittidas e innocentes.

O uso faz lei, e, á força do costume, fazer abortar uma creança passou a ser uma coisa tão vulgar e tão inoffensiva como fazer, por exemplo, abortar uma constipação.

Para esta ia-se a uma botica homoepathica e comprava-se *aconito* na 3.ª; para aquella ia-se a uma parteira e tomava-se a droga que ella muito francamente vendia, por um preço barato, tão barato que não cheirava de modo algum a crime, porque o crime no fim de tudo presa-se, tem a sua dignidade luxuosa e faz-se pagar caro; não costuma andar assim ao alcance de todas as bolsas.

E não pensem de fórma alguma que nós estamos a brincar com este assumpto tão tragicamente serio, e que nos divertimos aqui em amontoar paradoxos. Tudo o que dizemos é nimiamente verdadeiro, por mais phantastico que pareça.

O abortamento voluntario, graças aos ouvidos de mercador da policia, era para a maior parte da gente um acto perfeitamente honesto e legal.

Vou jurar que muitas das mães que teem provocado o aborto de seus filhos ficam decerto muito surprehendidas e admiradas quando lhes disserem que ellas teem commettido um crime.

Porque no fim de contas o peior, o mais perigoso d'este crime é precisamente a inconsciencia criminosa com que quasi todas as delinquentes o teem praticado: accentue-se bem esta verdade para honra do coração das mulheres portuguezas, embora a intelligencia d'ellas tenha que pagar as custas d'esta honra.

Eu estou tão certo d'isto que ia apostar que nem cinco por cento d'essas mulheres seria capaz de commetter conscientemente o crime de infanticidio, e que muitas d'essas mães que, de sorriso nos labios, cheias de esperança no bom exito do seu medicamento, tomam as drogas que pedem ás parteiras, que compram com o fructo das suas economias, nem por sombras pensam que vão fazer um assassinio, e vão dar uma morte, imaginando apenas que vão impedir um nascimento

E isto vem da ignorancia em que muitas mulheres vivem, mesmo nas classes mais illustradas, ácerca dos mysterios da maternidade; isto vem da maior parte das mulheres imaginarem que a vida dos seus filhos começa apenas no momento em que os dão á luz, que, não havendo vida, não se póde dar a morte, que no fim de contas fazer um abortamento é tanto assassinar uma creatura como é matar uma gallinha ou comer um ovo estrellado.

Mas se isto é assim em relação á maior parte d'essas mães, se ellas são criminosas por ignorancia e por inconsciencia, outro tanto não se póde dizer dos homens que as seduzem e que consentem, se não aconselham, os abortamentos, outro tanto não se póde dizer das parteiras qus os provocam.

Para essas e para esses é que nós pedimos todo o rigor da lei, porque são os responsaveis unicos do crime, porque são ordinariamente os unicos conscientes.

Já que a policia acordou finalmente do seu lethargo, e felicitamol-a por isso, e congratulamonos com esse despertar que deve evitar muitos crimes futuros, todos os crimes da inconsciencia, porque a publicidade enorme dada a estes casos redimiu o que teve por ventura de escandaloso, pelo bem que fez, derramando luz sobre este crime monstruoso, que para muita gente era apenas um expediente habil — já que a policia acordou finalmente do seu lethargo, diziamos nós, já que os tribunaes se vão occupar d'este assumpto, era bom que se pensasse a serio em reformar completamente o serviço obstetricio de Portugal, e que se acabasse d'uma vez para sempre com esse systema perigoso de lançar da escola medica para a rua, sem nenhuma garantia formal de moralidade e de seriedade, um bando enorme de parteiras, que enchem de cruzes as humbreiras dos predios de Lisboa, e que legalmente habilitadas, vão matando a torto e a direito, á sombra do seu diploma e fóra da alçada da policia, que não póde andar sempre a espreitar o que se faz pelas alcovas das casas particulares.

É necessario que as coisas se arranjem de maneira que o diploma de parteira não seja dado senão a quem tiver a capacidade moral para exercer esse mister, de contrario, como hoje isto está organisado, a legião de parteiras que para ahi ha constitue um perigo seriissimo, a origem fatal d'uma immensidade de crimes, que por sua natureza hão de ficar em grande maioria desconhecidos e impunes.

O caso é serio, é grave, é importantissimo e merece e precisa bem ser estudado com muito amor, ser resolvido com muito discernimento e com muita urgencia.

A rainha regente de Hespanha acaba, apezar de estrangeira, de escrever na historia contemporanea da nação hespanhola a sua mais radiante pagina, uma pagina que infelizmente não tem muitas gemeas n'aquelle grande livro — a pagina do perdão.

A viuva de Affonso XII, a mãe de Affonso XIII arrancou á morte, arrancou aos fuzilamentos tradiccionaes da Hespanha, os insurreccionados politicos, que o codigo e os tribunaes de guerra tinham condemnado á pena ultima.

O governo oppunha-se ao indulto, mas a rainha ouvindo a voz do seu coração de mulher, de mãe e de viuva, sabendo quanto doe perder um marido, sabendo quanto alegra ter um filho, ella viuva, não quiz fazer viuvas, ella mãe, não quiz arrancar filhos ás mães, nem paes aos filhos, ella rainha, não quiz manchar de sangue a purpura real que envolve os arminhos d'um berço, e ouvindo a voz do paiz, que pedia misericordia, ouvindo a voz da alma que lhe dizia «perdão», ella, fraca mulher, luctou com os seus ministros, venceu, triumphou — perdoou!

Bemdita seja a rainha!

Nunca o sceptro dos Hespanhoes pousou em mãos mais robustas do que essas delicadas mãos femininas que se recusam a dar a morte, nunca o povo hespanhol teve tão grande soberano como essa sabia e caridosa rainha, que governa com o coração de mãe, e que pela intuição sublime da sua alma de mulher adivinha que passou o tempo de dominar pelo terror, que chegou a era de imperar pelo perdão.

Feliz povo hespanhol, quo pode abençoar a sua rainha, grande a rainha de Hespanha que sabe perdoar! «*Heureux qui peut bénir! Grand qui sait pardonner!*»

Gervasio Lobato.

FIGUEIRA DA FOZ

A Figueira da Foz, do Mondego, povoação assente na margem direita e junto á barra d'este Rio, apesar da sua vantajosa posição commercial, e do excellente clima, teve desde 1771, em que o Marquez de Pombal a elevou a Villa, até meio do actual seculo, um desenvolvimento, se bem que progressivo, excessivamente lento.

Desde 1850 porém até hoje, o seu augmento de população, de edificações, de commercio e de todas as condições de vitalidade, tem sido taes, que em 1882 foi elevada á Cidade, medida que pareceu um pouco prematura, mas que vai sendo justificada, principalmente depois que a locomotiva, faz ouvir o seu silvo, no recinto da nova Cidade, pondo-a em rapida communicação com todo o reino, e com a Europa.

Quem avaliar a população da Figueira pelo numero de habitações, de certo a reputará em mais do dobro, da que realmente é.

Ao saber-se porém que aquella é apenas de seis mil habitantes, e, ao vêr uma Cidade que póde rasoavelmente alojar treze a quatorze mil, e ainda continuarem as edificações de predios, ficar-se-hia surprehendido, se não se soubesse que ella é uma das nossas estações balneares mais concorridas, e que na epoca propria, mais de oito mil pessoas, estranhas á Cidade, se alojam n'ella, para se banharem nas suas aguas.

Foi a concorrencia de banhistas, cujo numero ia engrossando de anno para anno, que suscitou a idéa de edificar um bairro novo, idéa que dentro em poucos annos, se tornou em facto.

Os predios d'este novo bairro, feitos em grande parte por conta de uma companhia edificadora, são de elegante architectura, bem construidos, e acabados com a maior perfeição.

Com quanto sejam de diversas grandezas, o numero de casas grandes é muito superior ao dos pequenos predios, e em todos predomina o bom gosto e elegancia das modernas edificações.

Apesar de terem sido construidos, muitos d'elles simultaneamente, não teve a Figueira de importar pessoal, porque o numero de habitantes, que exercem differentes artes e officios, superabunda, a ponto, de terem de procurar usualmente fóra da sua terra, onde empregar a actividade.

Perfeitos nas suas profissões, trabalhadores, e sobrios (qualidades estas communs á maior parte dos habitantes da Figueira) não encontram difficuldade em serem empregados, até de preferencia aos filhos das terras, para onde se expatriam.

Ao O do Bairro Novo, cujos predios estão alinhados em largas ruas, vê-se a linda praia representada na nossa gravura.

Extendendo-se em amphitheatro desde o Forte de Santa Catharina até Buarcos n'uma extensão de mais de um kilometro, formada da mais fina areia, e com um declive muito pouco sensivel, é esta praia evidentemente a mais linda de Portugal, e uma das mais bellas da Europa.

Agora junte-se a isto, a bondade do clima, os lindos passeios que os arredores da Cidade e o Mondego proporcionam, os tres bellos clubs, em cujos salões, se reunem em animadas soirées, quasi todas as noites, durante os mezes de agosto, setembro e outubro, não só as damas e cavalheiros estranhos á cidade, mas muitos dos habitantes da primeira sociedade d'ella; a praça de touros, em que se fazem corridas com novilhos, quasi sempre por amadores, nas quaes o perigo é pequeno, e em que por esse facto, e pela natureza dos artistas, é substituida a repugnancia que tal espectaculo póde inspirar, pelo interesse, que as torna agradaveis; o theatro e o circo, que n'aquella epoca são visitados por companhias de Lisboa, Porto e hespanholas, e muitas outras diversões, em que os banhistas podem agradavelmente passar o tempo, o qual aqui lhe não é occupado por afazeres, e teremos a explicação e justificação da extraordinaria concorrencia aos banhos da Figueira da Foz.

É principalmente no mez de setembro que a praia, ás horas convencionaes de tomar o banho, apresenta um espectaculo surprehendente e difficil de descrever.

Imagine-se n'uma extensa praia quasi horisontal, formada de areia finissima e apresentando a côr brilhante e homogenea de um branco amarellado, e assentes n'esta as alvas barracas, formando ruas por entre as quaes se agita grande numero de senhoras e cavalheiros em simples, mas elegantes *toilettes* de passeio, esperando que vague barraca em que se possam preparar para o banho.

Observe-se o curioso labutar incessante, por entre as barracas, das mulheres que servem os banhistas, tomando conta da roupa molhada de um, dando a roupa de banho a outro, e desenvolvendo uma actividade admiravel na satisfação das diversas requesições d'aquelles.

Desvie-se a attenção dos homens que caminham pela praia em *toilette* de banho, que nada apresenta de notavel, para admirar a arte com que as senhoras sabem tornar graciosas as *toilettes* com que caminham ao encontro da vaga, umas manifestando receio, outras afouteza.

Não se perca de vista o interesse com que muitas d'ellas são seguidas por uns olhos, que as não perdem de vista, emquanto não estão de volta.

Ouçamos os gritos angustiosos que as crianças mais pequenas dão, ao serem levadas perneando para o banho, emquanto outras mais crescidas vão para elle correndo, e fazendo ouvir as vozes argentinas, em manifestações alegres, contrastando com as das primeiras.

Não se deixe passar sem reparo, a pressa com que as senhoras sahidas da agua, se recolhem á barraca, procurando furtar-se ás vistas dos ranchos, que passeiam ao longo da praia, por lhes dizer a consciencia que n'aquelle estado, a sua elegancia está um pouco compromettida.

E finalmente complete-se o quadro com as crianças alegres e buliçosas cavando na areia com pequenas pás; com os pregões dos vendedores, com os risos dos grupos, que passeiam por entre este encantador quadro, limitado do lado do mar, pela onda alterosa, cobrindo de quando em quando, a linha de banheiros e banhistas que encontra na sua frente, e sobre que se desenrola, e formar-se-ha idéa approximada do espectaculo que a praia da Figueira da Foz apresenta, e obter-se-ha a expli-

ção do motivo, por que se despedem com saudade, todos os que gozaram os attrativos, que na epoca balnear ella offerece.

J. C. A.

VIAGEM DE S. M. EL-REI D. LUIZ

A pag. 186 do presente volume encontra-se um artigo com este mesmo titulo, que descreve a viagem de el-rei D. Luiz, dando noticia até ao ponto em que sua magestade seguia para a Suecia, a visitar o rei Oscar II, e d'alli passava para Sigmaringen, onde ia assistir ás bodas de prata da princeza D. Antonia, sua irmã.

Essa festa teve logar no dia 12 do mez passado, conforme se póde vêr n'uma noticia publicada na resenha do Occidente a pag. 216. De Sigmaringen el-rei passou á Belgica, tendo estado em Berlim, e n'estas duas côrtes foi condignamente recebido e festejado, voltando a Inglaterra, d'onde devia regressar a Lisboa.

A viagem de sua magestade durou um mez e vinte e quatro dias, pois tendo partido de Lisboa no dia 2 de agosto, entrou no Tejo no dia 26 de setembro.

A entrada no Tejo foi de um effeito deslumbrante, pelo grande numero de barcos embandeirados, com todo o aspecto festivo e cheios de gente de todas as classes, que foram esperar el-rei D. Luiz, que vinha a bordo da corveta *Affonso de Albuquerque*, comboiada pela esquadrilha de navios de guerra portuguezes surtos no Tejo, que foi esperar sua magestade fóra da barra.

Entre a multidão de barcos que foram esperar el-rei á barra, viam-se os vapores *Angola* e *Açor*, conduzindo os membros da Associação Commercial de Lisboa e convidados.

A *Real Associação Naval* de que é commodouro el-rei D. Luiz, tambem foi esperar o monarcha portuguez, em duas flotilhas compostas dos seguintes barcos:

Yachts de 1.ª classe: *Sirius, Aura, Surpreza, Vega, Orion, Iris* e *Zero*, formando a primeira divisão; e os yachts: *Nautilus, Perola, Relampago, Estrella, Subtil, Gipsey, Avenir, Gavina, Hilda* e *Mina*, formando a segunda divisão.

Além dos navios já mencionados, tomaram parte no cortejo fluvial mais os vapores: *Gomes IV, Lusitano, Caçador, Isaura, Pescador, Portimão, Leão, Conductor, D. Luiz, Touro, Tigre*, etc.

O transporte *Africa* conduziu S. M. a Rainha, SS. AA. o principe D. Carlos e infante D. Affonso a Cascaes, onde a familia real passou para bordo da *Affonso de Albuquerque* em que vinha el-rei.

A bordo d'este navio celebrou-se então uma missa a que assistiu el-rei, o principe e o infante, acompanhados pelo commandante, officialidade e tripulação do navio, e mais pessoas que se achavam a bordo, não comparecendo S. M. a Rainha por se ter recolhido á camara incommodada com o balanço do navio.

Em seguida á missa, foi o almoço, findo o qual a corveta levantou ferro em Cascaes e demandou a barra de Lisboa.

Os navios de guerra e as fortalezas de mar salvaram todas, e o trajecto da esquadrilha fez-se sem incidente desagradavel, victoriando os marinheiros nas vergas o regio viajante, o que era correspondido dos outros barcos por vivas e hymnos festivos.

Logo que a *Affonso de Albuquerque* fundeou no Tejo, em frente do arsenal, atracaram a ella os escaleres que conduziam o ministerio de bordo do transporte *Africa*, e uma galeota real em que ia o sr. infante D. Augusto.

No arsenal esperavam el-rei varias corporações, sendo uma d'ellas a camara municipal de Lisboa, e altos funccionarios, incluindo sua eminencia o cardeal patriarcha.

El-rei deu entrada no arsenal á uma hora e vinte minutos da tarde, e na casa da superintendencia foi lido pelo sr. Fernando Palha, dignissimo presidente da camara municipal, um breve discurso, dando as boas vindas ao monarcha.

A guarda de honra dentro do arsenal foi feita pelo corpo de marinheiros, na força de cerca de 300 praças.

No trajecto de sua magestade do arsenal para o palacio da Ajuda, formaram alas os corpos da guarnição de Lisboa.

A nossa gravura representa a parte mais festiva da recepção feita a el-rei D. Luiz no regresso da sua viagem, e podemos apresentar o desenho do aspecto do Tejo n'essa occasião, pela extrema amabilidade do nosso collaborador artistico officioso o sr. José Pardal, que nos mimoseou com esse desenho colhido pelo seu lapis no momento em que a vistosa esquadrilha vinha Tejo acima, em direcção ao arsenal.

Estamos certos de que aos nossos leitores agradará tão interessante pagina, tanto pelo assumpto como pelo primor com que está desenhada.

C. A.

JACINTHO AUGUSTO DE FREITAS OLIVEIRA

Falleceu no dia 28 do mez passado, pelas seis horas da manhã, o Conselheiro Jacintho Augusto de Freitas Oliveira, contador geral da segunda contadoria do Tribunal de Contas, que fôra deputado em diversas legislaturas, e desempenhára o elevado cargo de governador civil do districto de Leiria, a aprasimento dos seus administrados.

É o Occidente pela sua indole, essencialmente litteraria e artistica, alheio a todas as apreciações da politica militante, a todas as questões que possam chamar a terreno recordações que a historia, e não o jornal, tem o dever de registrar nos seus annaes. É, porém, impossivel deixar de falar na vida publica do Conselheiro Freitas Oliveira, porque muitas foram as vezes que o seu nome figurou nas polemicas ardentes do jornalismo, e a sua individualidade se accentuou como luctador intrepido, attrahindo momentaneamente sobre si a attenção dos partidos, os louvores de uns, e os odios inveterados de outros, consoante o sentir e o pensar das diversas parcialidades.

Nascido a 17 de julho de 1835, sentou praça na companhia de guardas marinhas a 14 de outubro de 1846, contando apenas 11 annos de edade; e matriculando-se na escola polytechnica aos 13, em virtude de um decreto especial que lhe dispensou a edade legal.

Aos 15 annos achava-se já Freitas Oliveira habilitado a matricular-se na escola naval, tendo previamente feito os exames das disciplinas que por lei lhe eram exigidas.

Nas ferias escolares, embarcou como aspirante de primeira classe, a bordo do vapor *Infante D. Luiz*, do commando do capitão-tenente Whitt, fazendo uma viagem ás ilhas dos Açores, que durou dois mezes, vindo a completar o curso em 1852, não tendo ainda completado 17 annos, facto que não é vulgar, e por isso deixamos aqui memorado.

Em junho do mesmo anno, voltou a embarcar no brigue *Serra do Pilar*, do commando do capitão tenente Pretorius, com destino á estação naval d'Angola, sendo, ao chegar a Loanda, nomeado immediato da charrua *Principe Real*, deposito da estação naval da provincia, commissão de verdadeira responsabilidade, e honrosa para quem em tão verdes annos a desempenhou.

Em 1853 regressava Freitas Oliveira a Lisboa, no intuito de se matricular na faculdade de mathematica e philosophia na universidade de Coimbra, o que effectuou, formando-se em mathematica em 1858, havendo obtido approvação plena nos primeiros annos da faculdade de philosophia.

Concluidos os seus estudos, com verdadeira distincção, foi nomeado chefe da primeira brigada da companhia dos guardas marinhas, com a graduação de segundo tenente. Aos 23 annos, quando tantos topam com difficuldades que lhes contrariam as aspirações, Freitas Oliveira, não encontrou um unico obstaculo na carreira que escolhera, apreciado pelos seus camaradas, bem conceituado pelos seus superiores, e dando fundadas esperanças de vir honrar a marinha portugueza.

Não querendo, porém, o governo, contar-lhe como tempo de serviço activo os annos que cursára na universidade, Freitas Oliveira pediu irreflectivamente a sua demissão, contando comsigo para encetar uma nova carreira, e realisar os seus sonhos de ambição.

Tempo depois, abria-se concurso para o preenchimento de logares de primeiros officiaes, na direcção geral da instrucção publica, e elle era um dos concorrentes, entre muitos outros egualmente habilitados, e já com serviços prestados ao paiz. Tendo sido classificado no primeiro grupo dos concorrentes, e não tendo sido despachado, como esperava, foi grande a irritação produzida por este facto no animo de Freitas Oliveira, vindo á imprensa defender a sua causa com grande exaltação, chegando a ir pessoalmente procurar o sr. D. Pedro V, a quem expoz os seus aggravos, sendo recebido pelo monarcha com a bonomia que n'elle era proverbial, mas sem que da entrevista resultasse nenhuma attenuante aos factos já consumados.

A este primeiro desapontamento, se deve, talvez, remontar a desconfiança, que sempre o acompanhou até o fim da vida, das intenções malevolas que em todos suppunha, quando se tratava de aquilatar-lhe o merecimento, ou de o pôr em confronto com outros pretendentes.

Como reparação tardía, e mingoada, do logar que não obtivera no malogrado concurso de 1858, foi nomeado amanuense de primeira classe, na repartição de contabilidade publica do thesouro, que contra a geral espectativa acceitou, em 1861.

No anno seguinte voltou Freitas Oliveira de novo a concurso para segundo official da direcção geral da instrucção publica, sendo despachado, e pedindo immediatamente a transferencia para a secretaria das obras publicas. Oito annos se conservou Freitas Oliveira n'esta situação subalterna, até que, em 1870, foi nomeado para exercer o logar de contador geral da segunda contadoria do tribunal de contas, a que anda annexo o titulo de conselheiro, unica distincção honorifica que recebeu no decurso da sua carreira official.

Em 1861 fundára Freitas Oliveira o periodico intitulado *A Liberdade*, em que tambem collaborava José Estevão; e em 1875 *O Figaro*, que teve curtissima duração. Afóra estes dois jornaes, collaborou, mais ou menos assiduamente, no *Portuguez*, no *Partido Constituinte*, na *Revolução de Setembro*, no *Districto de Aveiro*, no *Diario Illustrado*, na *Lanterna*, e por ultimo no *Espectro da Granja*. A indole opposta dos diversos jornaes em que collaborára, em epochas relativamente proximas umas das outras, deu fundamento á accusação de versatilidade politica, por vezes formulada contra Freitas Oliveira. A verdade é que elle não curava de indagar opportunidades, nem de receber inspirações dos chefes dos partidos e por isso se encontrava isolado quasi sempre; por uns alcunhado de utopista, por outros accusado de incoherente, e como tal sem peso na balança em que se afferem as convicções arreigadas.

Além d'isto, o fogo por vezes exagerado que tomava nas polemicas partidarias, desviando-o da placidez que deve ser a norma constante do jornalista, tirava-lhe a auctoridade de juiz, a que o seu talento lhe dava o direito de aspirar.

Eleito pela primeira vez deputado pelo circulo d'Arganil, em 1868, revelou na camara dotes de verdadeiro orador, que manteve nas seguintes legislaturas, quando de novo foi reeleito por Loanda, e posteriormente por Quilimane. O seu caracter insoffrido, e refractario a toda e qualquer imposição dos chefes, manteve-o sempre n'uma posição de independencia que não agradava aos ministros, nem satisfazia ás exigencias das opposições.

Era porém a politica, a grande, a quasi exclusiva tentadora do espirito de Freitas Oliveira. Anteriormente a haver representado um papel activo na scena politica, ainda estudante, e portanto desobrigado de compromissos, redigiu em 1851 a allocução dirigida ao marechal Saldanha, pelos estudantes da escola naval; como anteriormente havia sido o redactor de uma outra allocução dos estudantes da escola polythechnica e da do exercito, dirigida á sua rainha, a Senhora D. Maria II, quando Sua Magestade regressou a Lisboa, de uma viagem que fizera ás provincias do norte.

Foi ainda elle quem redigiu a representação da *Associação Patriotica*, apresentada ás camaras pelo eminente orador José Estevão, em nome dos habitantes da capital. Freitas Oliveira nascêra talhado para jornalista. Vehemente e apaixonado, a sua prosa era incisiva e cortante, e robustecia-se na polemica, tomando da lucta alentos novos, para não abandonar o terreno, sem haver queimado a ultima escorva. Quem só pelos seus escriptos o avaliasse, julgal-o-ia um homem rancoroso, implacavel. Não era assim.

A arte dominava-o, a ponto de lhe absorver momentaneamente os melhores affectos; mas, reposto da lucta, tendia para a benevolencia, e não raro o vi arrepender-se de haver offendido os adversarios no calor das polemicas.

O esboço historico intitulado *José Estevão*, é a melhor apologia que até hoje se tem feito do grande tribuno, dando pretexto a lastimar que Freitas Oliveira se deixasse dominar tão exclusivamente pela politica, que o tempo lhe viesse a faltar para exercer as suas faculdades em trabalhos mais solidos e mais uteis á sua reputação litteraria.

Afora o esboço historico *José Estevão*, publicou Freitas Oliveira alguns opusculos de circumstancia, entre elles o intitulado *O estado da questão*, dirigido em 1879 aos membros da maioria da camara dos deputados. Erradamente convencido de que uma individualidade qualquer, separada do grosso dos partidos militantes, podia encaminhar a opinião publica, por vezes o vimos, isolado, manifestar opiniões suas proprias, que não achavam echo em nenhum arraial politico, e que só prestavam para o irritar, apressando o lugubre desfecho

Chegada de S. M. El-rei D. Luiz ao Tejo, na manhã do dia 26 de setembro de 1886 (Desenho do natural pelo artista amador sr. José Pardal)

que veio a ter a sua vida, gasta pelas emoções que elle proprio provocava, sem dar por isso.

Na ultima legislatura de que Freitas Oliveira fez parte, começou a dar indicios já seguros de que as suas faculdades mentaes iam, pelo menos, em decadencia. As suas accusações eram intempestivas, incoherentes os seus projectos, notavel o seu isolamento, arrastada a sua palavra! Passeiava sem rumo pelas coxias da sala das sessões, sem se deter a conversar com os collegas, como que preoccupado por uma idea fixa, que a ninguem revelava.

Faltavam já poucos dias para se encerrar a ultima sessão legislativa. Freitas Oliveira entrava tarde na camara, relanceava com os olhos os projectos de lei, dados para as successivas ordens do dia, commentava desfavoravelmente todos elles, e sahia da sala, triste, com o andar já um pouco arrastado, como quem caminha contrafeito para um local onde teme encontrar um abysmo.

De repente correu em Lisboa a noticia de que Freitas Oliveira se tinha suicidado, com um tiro de revolver! Infelizmente a noticia não era verdadeira. O pobre allucinado não lográra conseguir o seu intento. Estavam-lhe reservados mais longos e mais crueis padecimentos. Poucos dias depois da tentativa mallograda de suicidio, Freitas e Oliveira dava entrada no hospital de Rilhafolles com a razão completamente perdida! Fez-se então um reviramento na opinião dos seus adversarios politicos. O homem que elles suppunham um inimigo implacavel, um pamphletario que se comprazia em os offender, era simplesmente um doido!

Coincidencia notavel. Temos em nosso poder uma carta de Freitas Oliveira, dirigida ao seu antigo condiscipulo e amigo, o engenheiro Boaventura José Vieira, desculpando-se de não poder assistir ao funeral de outro distincto engenheiro, João Evangelista d'Abreu, que morrera doido em Rilhafolles, e de quem o signatario da carta fora tambem condiscipulo.

JACINTHO AUGUSTO DE FREITAS OLIVEIRA — FALLECIDO EM 28 DE SETEMBRO DE 1886 (Segundo uma photographia de A. Fillon)

N'essa carta, que em outra occasião publicaremos na sua integra no OCCIDENTE, diz Freitas Oliveira, ao terminal-a, que conservará indeleveis as saudades do amigo, até que chegue tambem a vez *de entregar aos vermes da terra o corpo, já meio roido dos vermes do mundo.*

Dois mezes antes do seu fallecimento, Freitas Oliveira recolhera a casa da sua familia, tão quebrado de forças, tão extenuado da grande lucta, que a loucura durante dois annos travara com elle, que não não parecia o mesmo homem. Tres ou quatro dias antes de morrer, como estivesse silencioso, e com a physionomia um tanto assombrada, uma das suas filhas perguntou-lhe, em tom de gracejo, se estava zangado.

O doente replicou, sorrindo, com estas palavras, que em si resumem uma multidão de ideas boas e consoladoras:

«Estou resignado!»

Assim acabou o deputado, o jornalista, o funccionario publico, de que hoje dâmos o retrato no OCCIDENTE, que teve raros momentos de verdadeira felicidade cá n'este mundo, e foi desencontrada, e por vezes injustamente avaliado pelos seus contemporaneos.

L. A. Palmeirim.

Collegio de S. João Evangelista em Coimbra

Na pag. 45 do presente volume do OCCIDENTE foi publicada uma gravura que representa o frontispicio da magestosa egreja dos jesuitas em Coimbra, hoje sé cathedral. Defrontando com este templo avulta no largo da Feira o collegio de S. João Evangelista, no qual ao presente se acham accommodadas as repartições do governo civil do districto, fazenda e commissariado de policia.

Depois da mudança da Universidade para Coimbra em 1537 e com o grande impulso dado então ás sciencias, empenharam-se as ordens religiosas

do paiz em fundar collegios para estudos junto da Universidade.

A congregação de S. João Evangelista, a cujo cargo estava a administração do hospital real de Coimbra, situado no bairro baixo, na praça de S. Bartholomeu, resolveu ter collegio de estudos n'esta cidade e alcançou licença de el-rei D. João III, passada em 22 de julho de 1548, para que os collegiaes que ella nomeasse se recolhessem e pousassem nas casas pertencentes ao referido hospital, na rua que desce da Praça para o Mondego, e isto emquanto se não ordenasse a construcção de um edificio expressamente destinado para collegio. Logo no mesmo anno foram enviados para Coimbra seis collegiaes.

Pelos tempos adiante, crescendo o numero dos collegiaes e podendo a congregação obter meios para fundar casa de collegio, comprou com este intuito varios predios junto do largo da Feira e ahi começou a construir um edificio não de grandes proporções. (1)

A camara municipal de Coimbra, visto como os religiosos não lhe mostraram provisão regia que auctorisasse a fundação, embargou-lhes a obra em 5 de fevereiro de 1603 (2).

Em vereação de 15 de dezembro de 1606 foi apresentado á camara um alvará com data de 10 de maio do mesmo anno, pelo qual foi concedida aos religiosos a necessaria licença para no sitio por elles comprado na Feira dos Estudantes (onde havia dias estavam recolhidos os collegiaes), fundarem o seu collegio, licença que foi concedida *em respeito e consideração aos muitos annos que ha que hos ditos religiosos estudão na universidade da mesma cidade, e a terem dantes seu collegio no hospital da prasa comum, que he sitio maes publiqo, o qual largarão pera maes comudidade dos enfermos* (3).

A municipalidade, depois de fazer vistoria no sitio, mandou, em 17 de dezembro de 1606, que se cumprisse o alvará.

No anno de 1621, estando ainda informe o collegio e mal accommodados n'elle os collegiaes, Filippe IV concedeu á congregação uma pensão de 200$000 réis por vinte annos, no bispado de Miranda, e com esta ajuda de custo deliberaram os religiosos fundar sobre os principios do começado collegio, que era de humildes proporções, um edificio de maior amplidão, cuja primeira pedra foi collocada no alicerce com grande apparato no dia 6 de maio de 1631.

O edificio então começado é o que representa a gravura junta. Comquanto não ostente primores architectonicos ou esculpturaes, é comtudo grandioso e de nobre prospecto. Coroa-o uma estatua colossal representando S. João Evangelista, sob a qual se lê em um vistoso tarjão

DISCIPVLVS
DILECTVS

e um pouco mais abaixo — 1638.

No anno de 1833 a cruz que rematava a fronteira egreja da sé foi desarvorada por um raio. Francisco Antonio Gomes, poeta popular de Coimbra, narrou este facto na seguinte curiosa decima, na qual allude á estatua de S. João Evangelista:

Cahiu um raio na sé
Sobre a augusta frontaria,
Esgalhou a cantaria
Sem respeito á cruz da fé;
Offendeu quem estava ao pé,
A uma joven consumiu:
S. João, defronte, viu,
E no seu livro escreveu:
— Este raio era judeu,
Pois a santa cruz partiu.

A. M. Simões de Castro.

JOSÉ GOMES GOES

(Continuado do n.º 278)

Entremos agora chronologicamente na biographia de José Gomes Goes.

Nasceu em Lisboa aos 16 de setembro de 1826, sendo filho de José Gomes Goes e de D. Gertrudes Maria do Sacramento, neto pela parte paterna de outro José Gomes Goes e de Maria Thereza Peregrina, e pela parte materna de José Rodrigues e de Francisca da Trindade.

(1) *O céo aberto na terra, Historia das congregações dos conegos seculares*, por Francisco de Santa Maria, liv. 2.º, cap. 38.

(2) Livro das vereações da Camara de Coimbra de 1602-1603, fl. 145.

(3) Livro das vereações da Camara de Coimbra de 1567-1568, fl. 155, vol. 1.

Não sabemos bem, qual fosse a profissão de seus avós, posto suspeitemos que o paterno fosse escrivão por termos achado esse nome referendando o traslado do tombo de um concelho, ou couto, feito pelos fins do seculo passado ou principios d'este.

O pae de Goes era negociante, mas de pequeno trato, cujo estabelecimento, segundo averiguações a que procedemos, parece ter sido situado para os lados da Ribeira Velha ou Terreiro do Trigo.

Seus paes não eram abastados, mas assim mesmo conhecendo a intelligencia do filho, dirigiram-no aos estudos, e no lyceu seguiu o antigo curso, com tal aproveitamento, que segundo informações de um commum amigo nosso, obteve distincção na cadeira de grego.

Isto não nos admira, porque todos que o conheceram sabem a facilidade, a *queda*, segundo a expressão consagrada, que elle tinha para as linguas; é assim que além do latim, grego, francez e inglez aprendido no lyceu, e aperfeiçoado depois, aprendera o allemão por si mesmo, assim como o hollandez, por causa da relação da segunda viagem de Vasco da Gama, cuja traducção ingleza o não satisfazia, e traduziu de novo em portuguez, estudou alguma cousa do arabe e até do hebraico, tendo nós ainda encontrado entre os seus papeis, documento comprovativo d'este ultimo estudo ou tentativa, qual foi a conjugação de um verbo por elle feita.

Cursou mais tarde, julgamos que sem ser matriculado, mas como ouvinte, algumas cadeiras das Escolas Polytechnica e Medico-cirurgica de Lisboa, e houve tempo em que, pelas reminiscencias d'esta ultima frequencia, falava largamente sobre assumptos medicos, como quem não era hospede na materia, segundo referem alguns amigos que ha mais tempo e de mais perto o trataram, e que mais do que nós o podiam entender.

Reina certa obscuridade na vida de Goes, desde os seus primeiros annos até á sua entrada na bibliotheca publica; essa obscuridade poderia ser, em parte reparada, por alguns que ainda existem, e que foram seus collegas nas diversas aulas, de alguns dos quaes lhe ouvimos falar vagamente, ou por incidente, sem que podessemos fixar nome algum. De apontamentos seus nada podemos colher.

Consta nos, porém, que não sendo seus paes abastados, antes vivendo mediocremente, se acharam pelo decurso do tempo em circumstancias mais ou menos embaraçadas, tendo que occorrer á creação e educação de mais seis filhos, que tantos foram os irmãos de Goes.

Não sabemos como, nem de que maneira viveu, até que se achou, ao fim de certos annos, com o encargo de tres irmãos e de uma de suas avós, a cuja existencia e necessidade teve de prover, pelo fallecimento de seus paes.

Mais tarde dois d'esses irmãos casaram, e a prole numerosa, que parece ser um dos apanagios dos mais necessitados, veio encher-lhes o pouco fumoso lar. Em poucos annos via elle a familia augmentada por nove sobrinhos, e o seu amor por ella, que se desentranhava em utilidades, ainda escavou de seus parcos recursos, fulgentes mealhas com que foi auxiliar aquelles que julgava menos felizes do que elle.

Aos vinte annos achamol-o frequentando a aula de diplomacia, cujo curso completa antes dos vinte e dois annos.

Pouca gente conhece as difficuldades d'aquella aula. Abrange, em geral o conhecimento do latim propriamente dito, e do latim barbaro; é necessario entrar no convivio de uma lingua, que com quanto seja a de nossos avós, apresenta formas e construcções diversas, das que os lantinistas do seculo XVI n'ella imprimiram, é necessario conhecer ou estudar a numaria e a numismatica, a sfragistica, estudar e conhecer a chronologia dos diversos povos, e penetrar as difficeis maranhas da escripta dos diversos seculos, desde o miudo caracter francez usado nos primordios da monarchia, passando pela lettra angulosa chamada gothica, até abordar os caracteres enredados dos fins do seculo XV, seculo XVI e principios do XVII. Alem d'isso a epigraphia com os seus caracteres romanos, onciaes, gothicos, etc., offerece materia a muita applicação; e a tudo isto acresce a necessidade do conhecimento profundo da historia, com os seus factos, os seus vultos, as suas datas, para em um momento dado avaliar da veracidade ou falsidade de um facto, de um documento, e saber o tempo a que attribuil-o.

Perguntava-lhe uma vez um homem que tem muitas habilitações: «Ó senhor Goes, D. Affonso III era o conde de Bolonha?»

«Era sim».

«Ora essa! não sabia isso».

Outra vez assistindo a um concurso para um logar na Torre do Tombo, dizia um dos candidatos que um certo documento, que lhe deram para analysar, era do seculo XVI e tempo de D. João III, porque se achava registado em um livro assignado por Damião de Goes, que fora guarda-mór do referido archivo n'aquelle tempo; e o documento era do seculo XIV, e de D. João I, mas achava-se copiado em um dos livros chamados de leitura nova, mandados fazer por D. Manuel, e que se acham em geral referendados pelo celebre chronista-guarda-mór.

Ora quem frequenta a aula de diplomacia, não pode dizer d'estas cousas, nem pode, ou antes, nem deve entrar n'ella, com tão *claros* conhecimentos. Goes porém, não a cursou, sendo possuidor de taes idéas e a maneira como a frequentou foi tal, que mereceu ao venerando professor que então a regia, o seguinte attestado, que nos parece que poucos estudantes apresentarão igual.

Em cumprimento da Regia portaria expedida pelo ministerio do reino em quatro do corrente attesto que José Gomes Goes frequentou com distincto aproveitamento a aula de diplomatica no anno lectivo findo em julho ultimo; dando sempre as mais assignaladas provas do seu grande talento e muita applicação: e por ser verdade fiz e assignei a presente. Lisboa 12 de agosto de 1848.

José Manuel Severo Aureliano Basto.
Lente de diplomatica.

(Continúa)

Brito Rebello.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XIX

14:400 palavras n'uma hora — Paris illuminada por uma unica luz — Aperfeiçoamentos na luz do gaz — Novo modo de extrahir a raiz de um numero.

A demora e lentidão com que se transmittem os telegrammas é um argumento a favor do *telephone*. Comtudo, a favor do telegrapho, o engenheiro austriaco Fador resolveu esse grave inconveniente. É um apparelho para uso especial da imprensa. Para empregal-o é preciso compôr com typos o telegramma que se quer transmittir, tirando-se da composição um cliché por estereotypia, o qual entregue ao instrumento, transmitte 14:400 palavras em uma hora.

— O recente projecto da *Central Hadt der Bauverwalm* consiste em illuminar toda a cidade de Paris por uma unica luz electrica collocada a 360 metros de altura. Não é o receio de que os pontos mais afastados fiquem ás escuras, o que contraría esta disposição, mas a intensidade da luz nos pontos proximos que seria capaz de molestar a vista ou mesmo cegar. Por este motivo em vez de uma unica luz serão quatro os focos

— Para dar ao gaz maior poder illuminante inventou um allemão um apparelho muito simples com o qual em vez de luzir directamente, põe em incandescencia um metal, platina ou qualquer outro de extraordinario brilho.

— Não é raro encontrar *meninos prodigiosos* que mentalmente resolvem complicadas operações de arithmetica. Empregam certos meios praticos, com os quaes o mais ignorante da sciencia dos numeros póde passar por um grande calculador. Sirva de exemplo o seguinte meio de extrahir a raiz cubica de um numero.

O *cubo* de um numero é o producto de um numero pelo seu quadrado, isto é, de tres numeros semelhantes, multiplicados um pelo outro. Por exemplo $4 \times 4 \times 4 = 64$. O producto 64 é o cubo de 4 e 4 é a raiz cubica de 64. Consiste o systema, que indicamos em formar dois quadros seguintes, que se podem continuar indefinidamente para os numeros cuja raiz cubica é superior a 100.

1.º QUADRO		2.º QUADRO	
Raizes	Cubos	Raizes	Cubos
1	1	10	1:000
2	8	20	8:000
3	27	30	27:000
4	64	40	64:000
5	125	50	125:000
6	216	60	216:000
7	343	70	343:000
8	512	80	512:000
9	729	90	729:000

Considerando que no 1.º quadro e ultimo algarismo á direita dos cubos, nota-se que cada algarismo de 1 a 9 só se repete uma vez. Este al-

garismo permitte pois reconhecer qual é o da raiz. Para isso bastará reter de memoria d'esse 1.º quadro todos os algarismos á direita dos cubos. Quanto ao 2.º quadro é necessario apprendel-o todo de cór.

Trata-se agora de extrahir a raiz cubica de 658:503 por exemplo. Esse numero está comprehendido entre 512:000 e 729:000, a raiz deve achar-se entre 80 a 90 (2.º quadro). E como o ultimo algarismo 3 do cubo corresponde a 7 da raiz (quadro 1.º), a raiz cubica de 658:5o3 é 87.

Um outro exemplo: seja o numero 91:125. Esse numero está entre 40 e 50, o ultimo algarismo do cubo correspondendo a 5, logo a raiz é 45.

Basta pois saber de cór estes dois quadros para obter a reputação de um grande calculador mental, fornecendo a raiz cubica de um numero não superior a 729:000. Como o 2.º quadro póde ser augmentado póde applicar a obter a raiz cubica de numero de 7, 8, 9, ou mais algarismos. O *Schorers Familienblatt*, de Berlim, diz que este processo pode ser applicado á extracção da raiz 5.ª, mas nunca á raiz quadrada nem á raiz 4.ª

João de Mendonça.

A expedição ao Muata Yanvo

(Continuado do n.º 279)

Estava prejudicado o projecto de seguir o parallelo por onde desejavam chegar a Musumba; mas assim mesmo fez o chefe bastantes tentativas para não transtornar essa resolução.

De Nguma-Muquinzi enviou tres escoteiros ao *Bungúlo* no *Luc..ico* pedindo carregadores, para o acompanharem ao *Muata-Yanvo*, e dois ao *Cahungula*, pedindo ao mesmo tempo informações relativas a *Quibunsa-Yanvo* (D. Sebastião), que lhe diziam estar esperando a expedição no Ca-sa-su, para seguir com ella até *Musumba*, por ser a sua presença reclamada pelo estado. *Cahungula*, declara passados *trinta dias*, que havia mandado seus filhos (subditos) para o *Ca-sa-su*, afim de transportarem o novo Muata e seu amigo *Muene-puto*; *Bungulo* informa, ao fim de *sessenta dias*, que foi quando chegaram os escoteiros, haverem dito os que passam de leste que *Quibunsa* vae tomar posse do estado, mas do Oeste, de *Musumba* nada sabe, e manda vinte carregadores; mas o *Cabênbe*, subordinado de *Bungulo* no *Luangre*, deixa apenas passar dois dos carregadores, e retem os desoito, sob pretexto de ser necessario que o *Bungulo* dê o *musapo* (presente) ao novo Muata, por onde elles iam passar.

E porém de advertir que aos escoteiros se havia recommendado muito expressamente, que no *Ca-sa-su* falassem apenas ao sr. capitão, para quem levavam correspondencia, e seguissem de madrugada sem falar a D. Sebastião (*Quibunsa*) nem a a gente d'elle; foi o mesmo que recommendar-lhes o contrario. Porisso, quando esses homens marchavam para o *Bungulo*, eram seguidos, por enviados do D. Sebastião, que preveniram o *Cabenbe* de não deixar passar os carregadores, porque já a esse tempo este se havia declarado a favor d'aquelle.

Foi depois da expedição chegar de *Ca-sa-su* que chegaram os desoito carregadores, retidos pelo *Cabênbe*, com o musapo, que o *Bungulo* forçadamente enviava, e tanto é assim que, apenas acharam opportunidade, desappareceram sem acompanhar a expedição.

Não houve remedio e teve de se seguir a marcha para o *Ca-sa-su*. Ahi estava D. Sebastião. Que julgar dos successos? Viam-o honrado por todos, *Ca-sa-su* e os povos dependentes prestam-lhe vassalagem, por tanto o recurso unico que a expedição tinha a adoptar, era deixar-se ir na onda, explorando tudo, espreitando os acontecimentos, e aproveitando d'elles o que lhe podesse ser propicio.

A primeira coisa que era mister observar, era como o receberia o *Cahungula*, já dos grandes potentados de Lunda.

O tempo porem não vale nada para o negro, e porisso como D. Sebastião se achava regularmente no *Ca-sa su*, não havia arrancal-o de lá; e a expedição precisava seguir, fosse elle *Muata* ou não fosse.

Dezesete dias gastaram os chefes em entrevistas, discussões e assentos, não se devendo deixar de notar que durante esse tempo as grandes caravanas de bengalas que alli passavam se reuniram a D. Sebastião, e as que regressavam, voltavam áquelle ponto, a juntar-se a elle. Isto era como que um annuncio da sua importancia real; portanto como se havia de deixar de acreditar no seu poder?

Emfim a muito custo arrancou-se D. Sebastião da sua inacção e resolveu-se a seguir a marcha com a expedição.

Faz-se a viagem, viagem de pessoa grande, de potentado negro, com todas as commodidades. Consistem ellas em se demorar por toda a parte, para ser visto, cumprimentado, honrado e receber presentes. E seja dito em verdade, nem as demoras eram pequenas, nem os *musapos* poucos. Por toda a parte lhos apresentavam, constando principalmente de mantimentos e escravas, nomeadamente raparigas para o seu harem.

Todas estas demoras fizeram com que se gastessem vinte e oito dias na jornada que deveriam fazer em oito ou nove.

Pelo caminho appareciam diversos representantes de varios povos e potentados, a cumprimentar o Quibunsa e dar-lhe as boas vindas, instando todos em geral, porque apressasse a sua marcha afim de tomar posse, quanto antes, do Estado. — Notava-se porem n'elle certo receio, já de *quiócos* por parte do *Muriba*, já de não ser recebido pelos grandes potentados.

Mas ao contrario do que supunha foi bem recebido e honrado pelo *Cahungula*.

Depois de aqui chegado as embaixadas succedem-se de Nordeste até o *Ca-sai*, e por ultimo do *Muata-Mucanzo* (Nguro no Ca sai).

O ultimo aviso trazido pelo *Cacuáta-Noéje* á *Muanza* d'aquelle é o seguinte: — «*Muata-Mucanzo* previne *Muata-Yanvo*, de que *Muriba* o espiona, e descoberto que seja, que elle tem communicações com seu inimigo, fal-o-ha matar, já lhe mandou fazer uma guerra em que elle foi feliz, mas nem sempre assim succederá. Todos os grandes do Musumba estão desesperados e se *Quibunsa* não se apressa, póde perder a occasião outra vez de entrar no Estado, porque *Muriba* morto, immediatamente outro lhe succederá, e não se perdem duas vidas por causa de *Quibunza*.

Um *Cacuáta Mêma-á-tumo* tambem de *Nguro*, chega do *Cuango* com polvora e fazendas para o seu potentado. Veio visitar o chefe da expedição, e declarou-lhe extranhar que o *Muáto-Yanvo* (D. Sebastião) ainda alli estivesse demorado, quando elle levava aviso para avançar, e pede para o fazer apressar, aliás pode succeder alguma desgraça ao seu *Muata*.

Que havia a oppor a tudo isto? Haveria quem podesse duvidar, depois de todos estes successos de que era D. Sebastião o verdadeiro e novo Muáta? E em presença dos factos como poderia a expedição descartar-se d'este homem?

Apalpal-o, collocar-se ao lado da situação politica que se ia desenvolvendo, devia ser o cuidado dos nossos; dirigil-o e aproveitar-se das circumstancias que se lhe apresentassem favoraveis era o que deviam fazer, e parece ser o que tem feito os intelligentes e dedicados chefes da expedição.

(Continúa) *J. B.*

RESENHA NOTICIOSA

INAUGURAÇÃO DE ESCOLAS. No dia 8 do mez de agosto foram em um só dia inaugurados quarenta edificios para escolas publicas na capital da republica de Buenos-Ayres. Foi publicado um folheto dedicado a esse assumpto, o qual apenas resenha o programma das festas que se deviam celebrar por essa occassão, e por esse motivo. É em extremo honroso para um estado qualquer, facto similhante, mas muito mais, para aquelle que não tendo territorio extenso, procura desenvolver e derramar a instrucção entre os seus cidadãos, unico meio seguro e efficaz para que uma nação chegue, pelo aperfeiçoamento, a collocar-se ao lado e ao nivel dos povos mais adiantados.

EMPRESTIMO PORTUGUEZ. Diz um periodico hespanhol, que o nosso governo acaba de proceder á emissão por subscripção publica de 143:558 obrigações de 90$000 réis, com 4$500 réis de juro annual pagos nos 1.º de abril e de outubro, e amortisação semestral em setenta e cinco annos; diz que o typo da emissão foi o de 440,70 francos de contado, o que suppõe um interesse de 5,73 por cento, e que foi o *Credit Lyonnais* o encarregado de receber a subscripção em Hespanha. O periodico acrescentava: «dando conta d'este emprestimo, comprazemo-nos em reconhecer que offerece boas condições remuneratorias, e pode ser objecto de boa collocação de capital.» — Assim o entenderam as nações da Europa, e com a opportunidade da occasião em que elle foi emmittido, poude ser, em geral, coberto seis vezes. Estimamos; porque se effectivamente se destina ao acabamento de obras importantes, como porto de Leixões, caminhos de ferro do Douro, Alemtejo e Algarve, é isso da maxima importancia; é pena que se não alargasse mais o seu destino e que não fosse já incluido o porto de Lisboa e o desenvolvimento da marinha e colonias.

CAMINHO DE FERRO DE MORMUGÃO. O governador geral da India, como se achavam adeantad s as obras do caminho de ferro, e era necessario dar nome ás primeiras estações, resolveu que a primeira se chamasse Vasco da Gama, e a segunda Mormugão. Diz-se tambem que lhe idéa de dar o nome do glorioso navegador e famoso almirante á nova cidade que se ha-de construir na testa do caminho de ferro. Quanto a nós achamos isso um crime de lesa justiça, feita a Affonso d'Albuquerque, e já que lhe deixaram perder os ossos, ao menos perpetuem o seu nome, na terra que por culpa dos seus teve de conquistar duas vezes, e que com a sua vista d'aguia, marcou como cabeça do Estado da India, para sempre.

ILLUMINAÇÃO DO THEATRO DE S. CARLOS. Vae ser illuminado a luz electrica, na proxima epoca, este nosso theatro lyrico. Foi encarregado de comprar as machinas para esse effeito necessarias o sr. engenheiro João Candido de Moraes.

CONGRESSO DE GEODESIA. Foi nomeado o major do corpo do estado maior, Antonio José d'Avila, sobrinho do fallecido duque d'Avila e de Bolama, para representar Portugal no congresso internacional de geodesia, que ha-de reunir-se em Berlim no dia 20 do corrente outubro.

HEROE DE NOVE ANNOS. No dia 23 de setembro ultimo, as aguas do rio Ave cresceram repentinamente, innundando as partes baixas de Villa do Conde. Andavam brincando proximo algumas creanças, e fugindo temerosas succedeu que um rapazito de sete annos foi colhido pelas aguas, e levado por ellas; outro pequeno de nove annos, filho de um trabalhador por nome João Carmelita, vendo aquelle em perigo, lança-se ao rio, e com risco da propria vida conseguiu puchal-o para terra, salvando-o de uma morte quasi certa.

CHOLERA. Este terrivel flagello que invadiu a Italia, tem atacado 45:000 pessoas, das quaes 14:000 tem succumbido. Na Austria tambem está fazendo muitas victimas, e n'uma pequena aldeia, onde ultimamente se manifestou com violencia, é povo recebeu á pedrada os medicos que a auctoridade da provincia lhe enviou em seu soccorro.

BIBLIOTHECARIO-MOR. Foi nomeado e já tomou posse d'este cargo na Bibliotheca Nacional de Lisboa, o sr. Antonio Ennes, elevado áquelle logar, pelo fallecimento do grande poeta Mendes Leal. O pessoal da Bibliotheca, hoje muito reduzido, pelo fallecimento de Silva Tullio, Goes e Neto, apenas será augmentado com um conservador, cujo logar está a concurso Do que existe pouco mais se póde exigir; o serviço é regular, attendendo á vastidão do edificio. O que este tem, é não ser proprio para o effeito, e d'ahi o prejuizo para os leitores e cançasso para os empregados.

CABO SUBMARINO PARA AFRICA. Realizou-se no dia 28 de setembro ultimo, anniversario natalicio dos principes reaes de Portugal, a inauguração do cabo submarino até Angola. Com imperturbavel exactidão tem sido cumprido o contracto, por parte dos concessionarios. Deve-se este grande melhoramento á iniciativa do conde de Oksza, apresentando uma proposta ao ministro o sr. Pinheiro Chagas, que depois de muitas conferencias e contrariedades a acceitou e reduziu a contracto. Pelo que se passou desde que se divulgou a apresentação da proposta até á sua defiditiva approvação, podemos assegurar que se aquelle ministro a não tivesse acceitado, ainda hoje não tinhamos telegrapho para Africa, nem o teriamos tão cedo. Pena foi que o escrupulo não deixasse acceitar a a proposta presentada pelo mesmo cavalheiro em setembro ou outubro de 1884, para a construcção do caminho de ferro de Ambaca, de que demos noticia a pag. 232 do volume d'esse anno, já o caminho estaria prompto ha mais de um anno.

INFELICIDADE DE UM ARTISTA. O intelligente professor do Conservatorio e distinctissimo pianista José Antonio Vieira, depois de ter sido accommettido de uma affecção pulmonar, que o teve por muito tempo em risco de vida, quando já em convalescença acha se atacado de alienação mental. Activo, vivo, energico, nervoso, condemnado a uma longa inactividade por aquella fatal doença, felizmente debellada, começou a irritar-se por esse motivo, e d'aqui veiu-lhe uma alteração das faculdades com mania religiosa, que obrigou a triste familia a fazel-o recolher á casa de saude de Entre-Muros, para seguir um tratamento regular. Fazemos votos por que se restabeleça o infeliz artista, para tranquillidade de sua familia, satisfação dos seus

Collegio de S. João Evangelista em Coimbra (Segundo uma photographia de E. Biel)

amigos e beneficio do estabelecimento a que tão do coração se dedicára.

Marquez de Pombal. Falleceu no dia 4 do corrente na sua casa da rua Formosa em Lisboa o 5.º marquez de Pombal e 5.º conde de Oeiras, Manuel de Carvalho e Mello Daun Albuquerque Sousa e Lorena, terceiro neto do grande marquez de Pombal. Era moral e physicamente o contraste de seu grande avô; pois a sua estatura era menos que mediana, e o seu caracter brando e moderadissimo. Foi casado duas vezes, e deixa descendencia. Tendo fallecido ha annos o seu filho primogenito, conde de Oeiras, é hoje successor do titulo o sr. conde de S. Thiago.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana*... 1886, Ponta Delgada, ilha de S. Miguel. Typ. do *Archivo dos Açores*. Com o fasciculo XLII ficou completo o 6.º volume d'esta já importante e vasta collecção, repositorio inexgotavel de tudo quanto possa interessar á historia do archipelago açoriano desde o seu descobrimento até os nossos dias. Os subsidios agglomerados nos seis volumes d'esta copiosa collecção teem servido já de valiosos elementos a todos os trabalhadores que teem pretendido illustrar a historia patria, e de força ha sempre que recorrer a elles, porque entre elles ha muitos de primeira ordem. Emprehendida com louvavel empenho, proseguida com improbo e indefesso trabalho e inabalavel tenacidade, cabe ao seu proprietario e director, o sr. dr. Ernesto do Canto, toda a honra d'esta publicação, exemplo unico que apenas o sr. Gabriel Pereira continua em Evora, com alguma difficuldade. Temos seguido os passos d'esta collecção, e não deixaremos de louvar o seu director e aquelles que teem concorrido para que ella tenha tido o desenvolvimento e corpo que tomou.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundada em 1875*. Imprensa Nacional, 1885. 5.ª serie, n.º 10. Encerra este fasciculo, alem das actas de varias sessões da sociedade, dois trabalhos curiosos, um do sr. A. C. Borges de Figueiredo, *Oppida restituta* (as cidades mortas em Portugal), onde se colligem todos os elementos que o auctor julga sufficientes para provar que o antigo *Æminium* dos romanos é a actual Coimbra, não obstante terem muitos opinado que seja Agueda; e que a antiga *Conimbriga* é a actual Condeixa a Velha, não obstante não se poder explicar bem d'onde provem este ultimo nome, que não parece transformação de Condessa, nem tão pouco como o antigo de *Conimbrica* passou para a actual *Coimbra*, e se perdeu na velha Condeixa. O auctor, pretendendo de algum modo explicar a origem d'este ultimo nome, não poude precisar bem, e era este um dos factores importantes para a resolução das duvidas, desde quando apparece com certeza o nome de Condeixa; e por isso não nos parece ainda o problema completamente resolvido. O outro trabalho são as *Novas jornadas de Silva Porto* (continuação), interessantissimos diarios e relações de viagens e explorações no interior da Africa, com todo o cunho da verdade e sinceridade que distinguem as observações e procedimentos do notavel e prestimoso explorador.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Tem continuado a sair com a costumada regularidade e perseverança este interessante trabalho, que é já um vasto repositorio de indicações uteis, para quem queira estudar não só a historia da administração municipal e concelhia, mas tambem a do paiz em geral, pelo papel importante e proeminente que a vereação de Lisboa tomava e representava em todos os assumptos administrativos, sociaes e politicos que eram tratados para o desenvolvimento da nação. Temos visto expender a theoria de que o municipio, não póde nem sequer dirigir uma representação ao soberano sobre uma materia de interesse geral: é desconhecer a organisação do paiz, e os foros estabelecidos, garantidos e respeitados por oito seculos, e não ler esses documentos extractados ou integralmente impressos, em que todos os reis desde o eleito do povo, até o usurpador, consultam, concertam com a Camara de Lisboa os assumptos mais grave, escrevem-lhe pedindo-lhe pareceres, dando os motivos das suas resoluções, ou participando-lhe os successos faustos ou infelizes que interessam a nação. Nada se passava no paiz sem que o municipio de Lisboa, fosse participe, e é de admirar a nobre isenção, firmeza, e decisão com que, muitas vezes, essa corporação dirigia os seus protestos e reclamações, ou emittia a sua opinião, não representando submissamente, como quem pede um favor, mas fazendo ouvir a voz da verdade e da justiça, como eleitos do povo, que representam em tudo, e que em sua consciencia devem defender. Veja-se como ella defende as suas prerogativas, obrigando os representantes do poder central a ceder perante a sua tenacidade, ou a desculpar qualquer acto, que se julga poder ser dispensado, e tão ciosos eram os eleitos do povo dos imprescindiveis direitos do municipio, que até ao terminarem o auto do levantamento do monarcha não perdem ensejo de reclamarem o costume de os reis em tal acto confirmarem os antigos previlegios e accrescentar outros, jurando guardal-os. Diz-se que eram atrazados aquelles tempos, e nós entendemos que quem quizer revigorar o sentimento publico, e conhecer qual é o verdadeiro espirito constitucional do paiz deve estudar aquelles famosos monumentos. Temos visto até o fasciculo ou folha 9 do 2.º volume.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. *Lisboa, Imprensa Nacional, 1885*. 5.ª serie, n.º 9. Encerra este fasciculo: *Traços geologicos da Africa occidental portugueza*, por José de Anchieta, rapida e concisa descripção, onde os elementos scientificos são tantos como as palavras. *Expedição turca para a reconquista de Dio em 1538*; toda a gente conhece o famoso cerco de Dio, defendido por Antonio da Silveira, ainda que é mais conhecido o 2.º pela magnifica prosa de Jacintho Freire e o poema de Jeronymo Corte Real; o primeiro tambem teve seu historiador, em verso, o chronista Francisco de Andrade, e d'elle ha traços soberbos em Gaspar Correia; sabe-se que o grão turco enviou uma esquadra poderosa para tomar Dio, essa esquadra era commandada por um eunuco, o baxa Suliman, a cujo enviado, Antonio de Saldanha deu a famosa resposta que refere Gaspar Correia, e apesar das suas colubrinas de 100 e 150 libras, do seu morteiro de 400 libras, dos seus pedreiros de 200 e 300 libras e de outra muita artilheria, e dos milhares de turcos e janizaros que a compunham, houve de retirar perante a tenacidade portugueza; é a derrota d'essa expedição, traduzida do original italiano impresso em Veneza em 1543, onde os successos estão, aliaz muito succintamente contados. *Angola no começo do seculo* (1802) é o interessante relatorio do estado d'aquella provincia n'essa epoca, feito pelo governador D. Miguel Antonio de Mello, e entregue ao seu successor D. Fernando Antonio de Noronha. *La Guinée portugaise*, pelo sr. Max Astrié, vice-consul da Turquia, reflexões sobre o estado d'aquella provincia. *Novas jornadas de Silva Porto*; o interesse que excitam os diarios do perseverante explorador africano, explicam a acceitação que teem para todos, pelos elementos e auxilios que tem fornecido a quantos teem precisado lustrar o interior da Africa.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.